

---

**MELANCOLIA E VELHICE  
EM MARIETTA TELLES MACHADO**  
Melancoly and old age  
in Marietta Telles Machado

Nismária Alves David<sup>1</sup>  
Jane Adriane Gandra<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo tem o intento de abordar os temas da melancolia e da velhice, a partir da análise do conto “Idade”, publicado em *Narrativas do cotidiano* (1978), da escritora goiana Marietta Telles Machado. No enredo, a construção identitária da protagonista se dá por meio da memória. O referencial teórico envolve as perspectivas dos autores Sigmund Freud, Simone de Beauvoir, Pierre Bourdieu, Mary Del Priore, Ecléa Bosi entre outros. Por meio do texto literário, a autora convida a uma reflexão acerca do patriarcado e da imposição cultural sobre o corpo feminino.

**PALAVRAS-CHAVE:** Melancolia; Velhice; Memória; Corpo; Patriarcado.

**ABSTRACT:** This paper studies the themes of melancholy and old age, based on the analysis of the short story “Idade”, published in *Narrativas do cotidiano* (1978), by Marietta Telles Machado, a writer from Goiás, Brazil. In the plot, the identity construction of the protagonist emerges through memory. The theoretical foundation employs the perspectives of authors Sigmund Freud, Simone de Beauvoir, Pierre Bourdieu, Mary Del Priore, Ecléa Bosi, among others. Through the literary text, the writer invites reflection about patriarchy and the cultural imposition on the feminine body.

**KEYWORDS:** Melancoly; Old Age; Memory; Body; Patriarchate.

---

<sup>1</sup> Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG), docente da Universidade Estadual de Goiás (UEG), no Curso de Letras da Unidade Universitária de Pires do Rio e no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI) do Campus Cora Coralina. E-mail: nismaria.david@ueg.br

<sup>2</sup> Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP), docente da Universidade Estadual de Goiás (UEG), no Curso de Letras da Unidade Universitária de Posse. E-mail: jane.gandra@ueg.br

## MELANCOLIA E VELHICE

Desde a Antiguidade clássica, a palavra melancolia já era relacionada por Hipócrates, em seu estudo sobre os quatro humores, ao estado melancólico e aos excessos da bile negra no organismo. A interferência desse transtorno de humor no psiquismo humano suscitou interesse e se tornou tema para as investigações de filósofos, médicos, historiadores e escritores, conquistando também espaço nas representações das artes em geral.

Ao longo dos tempos, a dialética da melancolia produziu interpretações por inúmeros ângulos, sem haver, contudo, quem pudesse encerrar a questão que permanece inesgotável e atual. Na antiga tradição, Aristóteles foi um dos muitos que se debruçou notadamente sobre o assunto. No texto *Problema XXX*, ele relaciona o gênio criador ao espírito melancólico e como exemplos cita Platão e Sócrates. Na sua ideia, todo homem excepcional nas artes, política ou letras, tinha predisposição à melancolia. O filósofo estabelece duas conclusões: a primeira, de que a melancolia não pode ser tratada como uma doença, mas uma inclinação do indivíduo notável; e a segunda, de que todo melancólico tem temperamento instável, advindo de uma oscilação térmica existente na bÍlis negra, que é simultaneamente quente e fria.

Diferentemente da concepção aristotélica, Freud (1974), em *Luto e Melancolia*, julga que a melancolia é uma patologia. Esse livro, embora voltado ao campo da psicanálise, expõe que há uma analogia entre os estados do enlutado e do melancólico, com uma única exceção, a autopunição moral que o último exerce sobre si.

A melancolia se caracteriza por um desânimo profundamente doloroso, uma suspensão do interesse pelo mundo externo, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade e um rebaixamento do sentimento de autoestima, que se expressa em autorrecriminações e autoinsultos, chegando até a expectativa delirante de punição (FREUD, 1974, p. 1).

De acordo com Freud, a melancolia é um autotormento por meio do qual os melancólicos realçam os seus desvios de caráter e, por isso, desejam a rejeição e o castigo. Para eles, não é o mundo exterior que se tornou desinteressante e vazio, mas sim o próprio ego. No seu desnudamento, contraditoriamente, o melancólico encontra a satisfação porque o lamento dele sobre si mesmo é, na verdade, uma queixa do outro. Outra dificuldade dele é a incapacidade de expressar o que foi perdido junto com a ausência do

objeto amado. Conforme Jean Starobinski (2016), a melancolia refere-se a um dos estados dolorosos da condição humana. Nela, o sofrimento pode ser infundado e interminável e parece ser proveniente do fato de que o sujeito tenha recalcado tanto o objeto suprimido quanto o sentimento de vazio.

Por ser um período de evidentes perdas, mais do que em qualquer outra fase da vida, a velhice tem uma estreita relação com a melancolia. Beauvoir, por exemplo, menciona que “Schopenhauer valoriza a velhice em consequência de seu pessimismo. No seu entender, a desilusão que constitui sua essência, lhe confere ‘um certo colorido melancólico’” (BEAUVOIR, 1970, p. 227). Na mesma direção, Miriam Altman (2011) afirma que o velho, por estar num momento de morte iminente, tende ao isolamento, a longos períodos de introspecção e a uma tristeza persistente. O velho melancólico é acometido pela acedia, uma inércia, um abatimento do organismo e do espírito, diante do: “[...] corpo que muda, deixando para trás o viço da juventude, a aposentadoria, a perda do status social, até a morte de entes queridos e os fantasmas a respeito de sua própria morte” (ALTMAN, 2011, p. 197).

Simone de Beauvoir (1970) esclarece que o conceito de ser velho perpassa pelas questões biológicas e também culturais. A autora expõe com agudeza os problemas do velho, que ainda é percebido sob o ponto de vista da produção e do lucro. Os objetivos principais de sua obra *A velhice* consistem em romper com o ostracismo social e revelar uma sociedade que “[...] trata os velhos como párias [...], eles se veem condenados à miséria, à solidão, às enfermidades e ao desespero” (BEAUVOIR, 1970, p. 6). A autora considera que os estigmas contra o velho convertem tudo que esteja relacionado a ele em algo imoral e desnecessário. Ao presenciar a reação negativa das pessoas na época da elaboração de seu livro, Beauvoir teve a dimensão de como o tema parecia triste e indigno de ser tratado: “A velhice surge aos olhos da sociedade como uma espécie de segredo vergonhoso do qual é indecente falar” (BEAUVOIR, 1970, p. 6).

Com a clara intenção de exemplificar o lugar do velho desde os primórdios, o ensaio traz uma visão diacrônica dessa condição representada nas histórias das sociedades primitivas e do romance de grandes nomes da literatura mundial. Do texto, o leitor depreende que, na antiguidade clássica, os louvores à velhice eram na verdade exercícios de retórica praticados pelos “eupátridas”. De uma maneira geral, por muitos séculos, a realidade desumana imposta aos velhos foi ignorada pelos escritores. Como exceção, Cícero e Schopenhauer, em breves palavras, admitiram que a velhice tem o benefício de libertar o homem das paixões. Mas concordam que, até mesmo para o sábio, ser velho e pobre consiste em uma circunstância intolerável.

A herança cultural do ocidente deixou um legado discriminatório sobre os velhos que são retratados como minoria e improdutivos. Eles têm o

seu destino negligenciado e a sua existência desprezada pela classe dominante. Beauvoir sinaliza que a burguesia “[...] foi obrigada a desvalorizá-los, para justificar sua selvagem indiferença” (BEAUVOIR, 1970, p. 241). Teria sido nessa luta de classes que a ideia de velhice se tornou paradoxal, atendendo aos interesses da ideologia dominante. Se pessoas mais velhas estão na posição de governantes ou influenciadores, nesse caso, a idade avançada será exaltada. Contudo, não se pode perder de vista que a velhice, como outra condição externa qualquer, é reificada pelo outro, e é uma árdua passagem que não se sabe ao certo quando se inicia.

Sem exceção, qualquer sociedade exalta a virilidade e a fecundidade do jovem e rechaça a debilidade e a esterilidade da velhice que, improdutiva, passa a ser considerada como um peso morto para os demais. Beauvoir (1970) considera que a percepção e a maneira como homens e mulheres reagem à velhice e às suas consequências são diferentes. No caso da mulher, a chegada dessa fase tão temida se dá mais cedo do que a de seu parceiro, por volta dos cinquenta anos, e vem com a infertilidade e a decadência das formas. “Como o destino da mulher, aos olhos do homem, é constituir-se um objeto erótico, ao se tornar velha e feia ela se vê destituída do lugar que lhe é atribuído na sociedade: passa a ser um *monstrum* repelente e até mesmo temível” (BEAUVOIR, 1970, p. 138). Assim, à medida que vai envelhecendo e se sentindo preterida pelo outro, a melancolia se torna mais frequente no cotidiano feminino.

O propósito deste artigo é analisar a presença da melancolia na velhice apresentada no conto “Idade”. Trata-se de um texto da autora goiana Marietta Telles Machado, que foi reunido no livro *Narrativas do cotidiano* (1978). Em seu enredo, o conto narra a história de D. Quirina, mulher velha, quase cega, que vive reclusa num antigo casarão. Os fatos de sua vida são conhecidos por meio do revezamento entre os narradores homodiegético e heterodiegético, a partir do instante em que se encanta pela casa onde iria passar toda a sua existência.

Assim, o leitor tem acesso às memórias de uma vida condensada num breve, recortado e fragmentado relato. Sua consciência vai se alternando entre o presente e o passado, entre a imaginação e a memória, entre o delírio e a realidade. Há uma sobrecarga de melancolia tanto na representação da velha como no espaço onde ela reside. A mulher demonstra um extremo apego em relação ao seu passado e ao seu pequeno mundo em derrisão, que consiste na antiga casa e no estimado quintal. O modo de percepção do mundo é desencadeado por lembranças sinestésicas por meio de cheiros e sabores: “Jabuticabas negras, profusas, rodeando os galhos, colares de mil voltas, contas gordas e lustrosas, sabor acre-adocicado, vida breve, que maribondos, abelhas e passarinhos também as apreciam. Cascas roxas, carnudas, que dão doces e licores” (MACHADO, 1978, p. 24).

Elódia Xavier (2007) comenta que há uma recorrência do tema da velhice em narrativas de autoria feminina. Em sua opinião, essas escritoras buscam refletir como o peso da velhice é maior entre as mulheres, uma vez que são elas quem mais se frustram e sofrem pela imposição dos padrões de beleza e juventude. Marietta Telles Machado se alinha a esse grupo que privilegia o universo feminino como temática para suas histórias.

A escritora nasceu em Hidrolândia, no estado de Goiás, em 1934 e faleceu de infarto aos cinquenta e dois anos, em 1987, no auge de sua força criadora. Foi uma intelectual, defensora obstinada dos direitos femininos. Além disso, atuou de maneira incansável para a promoção da leitura e para a divulgação e o acesso à arte e à cultura no Estado de Goiás. Colaborou em diversos jornais e revistas, a partir da década de 1950, até à véspera de sua morte. No jornal *Brasil Central*, empreendeu a escrita de um suplemento literário com o objetivo de difundir nomes e obras de escritores da literatura goiana, desde os mais ilustres a iniciantes. Na literatura, dedicou-se aos gêneros novela, poesia, conto, crônica e teatro infantil<sup>3</sup>. Estreou em 1968, com a publicação do livro de crônicas *Girassóis em Transe*.

Na sua produção, é evidente o emprego do lirismo, além da sutil ironia e criatividade com que urde os seus enredos. Muitas vezes, a história tem um final aberto, demonstrando um estreito alinhamento com a modernidade literária. Ademais, percebe-se que há um real interesse de Maritetta Telles Machado de se ocupar de temas relativos a problemas sociais de seu tempo e dar voz aos oprimidos.

A minha temática, apanho-a do dia-a-dia, dos problemas humanos que me são próximos, a tensão, o conflito, o trágico, a solidão, a dor, a angústia, o medo de viver, a ansia de ser. Assim, no desfile dos meus personagens estão, por exemplo, a doméstica e sua presença/ausência no seio das famílias onde vive, serve, mas de nada participa; a solidão e o abandono da velhice; a perplexidade e corrupção das moças interioranas, egressas de um mundo simples e ingênuo e jogadas na violência, no lixo e no cinismo da cidade grande; o choque das novas gerações com as estruturas de uma sociedade patriarcal e arcaica; o medo de defrontar-se com a própria vida no mundo contemporâneo. Enfim, os conflitos de gente humilde, no cotidiano de suas vidas, no anonimato das massas aflitas e cansadas (MACHADO, 2001, p. 11).

---

<sup>3</sup> Como forma de manter vivo, valorizar e divulgar o legado literário deixado por Marietta Telles Machado, a Universidade Federal de Goiás disponibiliza o site *Biblioteca Digital de Literatura Goiana*, espaço onde está reunida a obra completa da escritora, bem como a de outros escritores nascidos e ou radicados em Goiás.

O argumento privilegiado na composição de seus contos é o núcleo familiar. Nesse ambiente, são evidenciadas as ações e reações humanas diante de uma problemática, seja ela ditada pela ausência ou pela perda. Na esfera da narração, os contos de Marietta Telles Machado apresentam planos alternados de vozes numa mesma história. A primeira e a segunda pessoas se portam como confidentes e a terceira pessoa observa, descreve e, em algumas circunstâncias, interpõe revelando os não-ditos das confissões feitas pelas personagens.

Um dos traços da literatura da escritora Marietta Telles Machado é a reflexão sobre a condição das personagens femininas no patriarcado. Sua escrita literária toca a questão do gênero, especificamente, a percepção de ser mulher neste mundo. A partir desses recursos narrativos, essa autora apresenta a temática do corpo feminino envelhecido no conto “Idade”.

#### UM CORPO FEMININO ENVELHECIDO

Sob o tom melancólico, a protagonista abre o enredo do conto em análise externando os inconvenientes da velhice e mostra o seu mundo em declínio. “Tenho um trono e aqui meu reino: esta cadeira pesada e o quintal” (MACHADO, 1978, p. 24). As palavras “trono” e “cadeira pesada” parecem remeter à sobrecarga da velhice e à nostálgica lembrança da riqueza e do status que, um dia, ela possuiu. E, ao mesmo tempo, revelam os limites patriarcais sobre a sua existência, visto que D. Quirina sempre levou uma vida reclusa desde que se casou. Como já disse Jean Starobinski (2016), a melancolia depende do estilo de vida que se leva. Para ilustrar essa afirmação, Norberto Bobbio relaciona as diversas maneiras de se confrontar com a velhice: “Existe o velho sereno e o melancólico, o que chegou tranquilo ao fim dos seus dias e está satisfeito, o inquieto que recorda sobretudo as próprias quedas e espera trêmulo a última da qual já não conseguirá levantar; quem saboreia a própria vitória e quem não consegue apagar da memória as próprias derrotas”. (BOBBIO, 1997, p. 30).

Entre lamentos, a identidade da protagonista é apresentada por meio de uma narrativa que reconstrói seu passado e sua insatisfação diante da vida. Vale sublinhar que é uma identidade fragilizada, porque é constituída apenas pelo estereótipo de esposa submissa, não tendo suporte de nenhum outro capital que poderia lhe dar satisfação e segurança na velhice.

Por nunca ter saído para além dos espaços domésticos da casa e do quintal, a metáfora do olhar da protagonista ficou associada à janela, oferecendo-lhe uma visão reducionista sobre as coisas. O contato de D. Quirina com o mundo externo se dá exclusivamente por meio das

personagens, a empregada Maria e o sobrinho sem nome, a partir do que eles lhe contavam. Com isso, é nítida a condição de vulnerabilidade da velha senhora, pois sua vontade não é levada em consideração, ficando à mercê do caráter duvidoso das únicas duas pessoas com as quais ela tinha contato.

Um recurso muito usual da autora é a presença do duplo contraste com a finalidade de acentuar a ausência de algum atributo de valor entre as personagens confrontadas, sendo que uma delas ficará na condição de subordinação. Por exemplo, as ações de Maria e do sobrinho em relação à protagonista enfatizam a submissão e a decrepitude desta, bem como o espaço em derrisão. Ao transitarem pelo lugar, reprovam a casa e sua mobília antiga e desgastada. Isso revela o conflito de gerações e demarca os opostos: o novo e o velho, o relevante e o descartável, o útil e o inútil. Em contraposição à postura desrespeitosa que a personagem recebia, o leitor se depara com outra visão da velhice quando D. Quirina, jovem, recorda as impressões positivas que teve ao conhecer a mãe do falecido marido: “[...] Eu lhe tinha temor e respeito. Seus cabelos eram brancos, arrumados sempre num coque perfeito. Rodeava-lhe o pescoço um colar de contas de ouro com uma rosinha de coral. Seu rosto era severo e calmo” (MACHADO, 1978, p. 24).

Para a geração do sobrinho, o descarte era algo necessário para a renovação do lugar. A decoração seguiria a tendência moderna dos móveis de plásticos e de compensados. “É velha demais, tia, fora de moda” (MACHADO, 1978, p. 25). Contudo, ele não tinha noção da estima de sua tia por cada móvel e do que eles representavam para ela, os quais não se tratavam apenas de mobília antiga, mas também de objetos afetivos ligados à história de vida da personagem. Acerca do valor afetivo, Ecléa Bosi esclarece que, para os mais velhos, cada objeto “[...] é biográfico ou é signo de status e, como tal, entraria para a esfera de uma intimidade” (BOSI, 2003, p. 29). Há uma simbiose entre a existência de D. Quirina, que já leva tempo demais, e a mobília obsoleta da casa. Por isso, para ela, é tão doloroso substituir os móveis. “Não captava sua solidez e nobreza. Não protestei. Quando eu cerrar os olhos, o meu reino vai esfacelar-se. Já começou. Agora esse sofá de plástico, feio e vulgar. Este rasgão foi feito a canivete, por moleques de rua (MACHADO, 1978, p. 25). A invasão da sua propriedade e a depredação dos objetos da casa hostilizam a protagonista, que não consegue se defender. Em outras palavras, pode-se considerar que a antiga casa, os deteriorados móveis e o ambiente sombrio integram toda a sua identidade.

Dentre os pertences da casa, o relógio, uma relíquia de família, figura como um importante símbolo afetivo, pois fora um presente de casamento dado por sua mãe. Reúne sentimentos contraditórios por parte da protagonista que tanto relembra a expectativa que tinha acerca da felicidade no matrimônio quanto sofre a frustração da vida conjugal que realmente

vivenciou. Também materializa o esgotamento do tempo de vida da personagem, que se reflete no esfacelamento dos objetos da casa. O não manuseio diário do relógio transmite a ideia de enfado e inércia diante de um cotidiano previsível. “Que horas serão? Meu sobrinho torto levou o relógio de parede. Disse que era para consertar. Na verdade, nem sei se tinha algum defeito. Eu não andava podendo subir para dar-lhe corda. Às vezes passava dias parado. Suas badaladas eram lindas” (MACHADO, 1978, p. 26). Na concepção de Ecléa Bosi, estes objetos, denominados biográficos, envelhecem junto com o dono e fazem parte da história de vida do proprietário. Portanto, “[...] cada um desses objetos representa uma experiência vivida, uma aventura afetiva do morador” (BOSI, 2003, p. 26).

No conto, o leitor tem a impressão de que a vida da jovem Quirina começa realmente quando ela se casa e vai morar na nova residência. Nesse momento, é como se ambas, casa e mulher, tivessem seus destinos entrecruzados, pois, à medida que D. Quirina ia envelhecendo, a casa também se deteriorava e perdia o seu esplendor:

Esta sala, sei-a, porque gravada no livro da memória. Sei desta cadeira resistente, pura madeira de lei, que de coisas boas e sólidas ele gostava. Sei de cada palmo desta casa, onde meus pés caminharam uma rota de mais de meio século. Sei do rumo desta janela, de onde espero cada estação que as frutas voltem, para a grandeza de meu reino, o meu quintal. Sei dos múltiplos sons, do silêncio e da solidão de cada dia (MACHADO, 1978, p. 25).

Por meio dessa analogia, a casa atua como se fosse o próprio eu da protagonista, sendo um espelhamento de seu interior e de sua fisionomia arruinada. “Ela tateia procurando a bengala. A mão direita roça pelo assento do sofá e se detém no exame de um buraco. Vai retirando fiapos e coisas. O jogo desta sala era de veludo adamascado, bege, com flores grená” (MACHADO, 1978, p. 25). A casa é a guardiã das lembranças e se apresenta como uma testemunha dos acontecimentos, felizes ou não, ocorridos com a família de D. Quirina. As autoras Luciana Helena Mussi e Beltrina Côrte definem que: “[o] sentido afetivo da palavra moradia, ‘a casa’, é o lugar destinado à construção de relações, vínculos, como um reservatório de lembranças que, a qualquer momento, um detalhe, um cheiro, um objeto, um olhar, são rapidamente evocadas e se apresentam da maneira como as ressignificamos” (MUSSI; CÔRTE, 2010, p. 234).

Na história, parece haver uma relutância da protagonista em aceitar o aspecto decadente da casa, porque logo essa imagem decaída é neutralizada por lembranças de um ambiente de requinte e prosperidade. Percebe-se que a

personagem retorna à realidade triste e cruel, ao insistir na pergunta sobre a condição de seus olhos, quase cegos. Maria se torna os olhos da patroa. E é por seu olhar que D. Quirina inicialmente adquire a noção de como está velha e debilitada. “Responda-me, como estão meus olhos, Maria? Se tivesse uma filha, ela diria. Há certas coisas que só mesmo uma filha faz. Diga, por favor. Ora, D. Quirina, que pergunta, estão desbotados. Desbotados, como, menina? Quase sem cor, a idade, a senhora sabe” (MACHADO, 1978, p. 25). Simone Beauvoir (1970) ressalta que o processo de envelhecimento e a condição de estar velho são mais perceptíveis para o outro do que para quem envelhece. Por este motivo, é complexo atribuir um conceito para a velhice. Nesse aspecto, Miriam Altman adverte que “[...] a velhice se apresenta de maneira múltipla e diversificada. Não existe ‘a velhice’, mas velhices. Muitas vezes a conotação sociocultural sobre envelhecimento contém preconceitos, à medida que é representada como um momento de decrepitude física, feiura e inutilidade” (ALTMAN, 2011, p. 194).

Há uma evidente tensão entre a velha senhora e Maria. A moça desdenha da patroa: “velha sistemática e enraizada nessa casa. Nunca sai” (MACHADO, 1978, p. 29). D. Quirina percebe os descasos com ela e com os seus pertences. Na relação de dependência com a empregada, os sentimentos afloram. Ela lhe chama de ingrata e acaba rogando-lhe praga, numa demonstração de puro rancor. “Quis fazer de você a minha neta, a neta que eu não tive. Você não soube merecer. Nem gratidão tem. Faz tudo tocado, some sem falar. Me engana nas contas, me responde. Deixa. Quem planta, colhe” (MACHADO, 1978, p. 26). D. Quirina sabe que a prepotência da jovem nunca a deixa vislumbrar que irá envelhecer, podendo no futuro ser preterida pelo outro. Beauvoir assevera que é ilusório o indivíduo acreditar na mocidade eterna, pois “[...] homem algum, tendo vivido muito tempo, pode escapar à velhice; e ela [é] um fenômeno inelutável e irreversível” (BEAUVOIR, 1970, p. 40). Em razão disso, no conto, a protagonista demonstra sua desilusão com as pessoas e com o mundo, pelo descaso com que é tratada.

A empregada Maria é indiferente aos desassossegos de D. Quirina e se mostra impaciente com a dependência diária e as recorrentes perguntas da senhora sobre o mesmo assunto. Esta relação entre as duas encena a verdadeira condição de muitos idosos que sofrem por negligência, solidão e melancolia, quando não são bem assistidos.

No entanto, a figuração da personagem secundária vai muito além do que representar uma simples acompanhante. A presença de sua jovialidade contrasta e acentua a decrepitude do corpo e da mente de D. Quirina. “Maria, corpo jovem, selvagem de vida, molhado de chuva, cabelos negros escorrendo pelas costas douradas [...]” (MACHADO, 1978, p. 28). Eis a representação do erotismo feminino e da sexualidade aflorada, aspectos já

extintos no corpo enrugado, débil e infértil da protagonista. Maria tem um caráter imaturo e nem cogita que, sob aquela chuva forte, a patroa poderia estar em perigo, já que dependia dela para tudo. Nesse momento, o narrador heterodiegético revela que D. Quirina estava caída no quintal, contorcendo-se de dor e com confusão mental; enquanto a moça se encontrava furtivamente com seu amante: “[o] homem puxa-a para si, alheio à fúria lá de fora e às tragédias de outra vida. Ele aperta com ardor o corpo de Maria, esmaga seios e lábios, depois ambos rolam. Os corpos aquecidos no fogo da posse frenética. O desejo amortecido, acalmam-se e voltam à consciência da realidade (MACHADO, 1978, p. 28).

A sincronia entre as duas cenas deixa evidente a ironia do narrador onisciente em mostrar a repulsa do patriarcado ao corpo feminino à medida que este envelhece. Em lados opostos, Maria é a força de Eros, quando prefigura a pulsão de vida: o desejo sexual e a busca pelo prazer e pela felicidade; e Tântatos, na representação da velha, que simboliza a pulsão de morte: a inércia ligada ao saudosismo pelo passado e as autocensuras por nunca ter sido mãe. A relativização do tempo devido ao tipo de circunstância atravessada pelas personagens também é alvo de comparação, a qual é expressa por meio do prazer efêmero dos amantes em contraposição ao período interminável de agonia e abandono vivenciado por D. Quirina:

Agora o corpo inteiro se entrega à lama. Socorro! Já é débil a sua voz e ela chora. Soluça. As águas entram-lhe pela boca e olhos. Ela treme. Maria! Ela clama, chama, gemendo. Tenta mudar de posição, porque lhe adormece o braço. Grita de dor. Não consegue mover a perna direita. Lamenta, cada vez mais baixo, num doloroso sussurro (MACHADO, 1978, p. 27).

Esta cena é emblemática, pois representaria a rendição a uma espécie de morte próxima. Nesse instante, há uma pausa na descrição da realidade e D. Quirina funde o presente ao passado por meio de alucinações. O delírio tem a função de suspender a consciência para dor física e moral da personagem central. Assim, ela consegue suportar o momento trágico ao qual está sendo submetida.

A velhice é um entre lugar, visto que assinala o limiar entre a vida e a morte. O cenário de chuva torrencial cria uma atmosfera de terror e desalento, bem como hiperboliza a condição de vulnerabilidade e solidão da protagonista:

A enxurrada grossa, lamacenta, carregando folhas secas, passa apressada e impiedosa, quase cobrindo o seu corpo. Move a mão com extrema dificuldade, tentando encontrar o

escapulário. Regina pacis, ora por nobis... Não consegue encadear uma prece. As janelas do bangalô batem com fúria. A luz apagou-se, a casa se encolhe nas sombras, a noite está medonha de escura (MACHADO, 1978, p. 27).

Sua queda figura como uma amálgama entre corpo e terra, num prenúncio da morte. Numa condição subjugada, quando ela cai na lama, há uma mistura tão intrínseca que, aos olhos dos outros, ela fica literalmente na invisibilidade. São por meio desses episódios que a debilidade advinda da velhice, acompanhada da melancolia, leva a protagonista a tomar consciência de sua finitude.

Nesse momento, estabelece-se o confronto de cenas entre D. Quirina e a sua cachorrinha. Ao mesmo tempo em que aquela grita e não é percebida por ninguém, esta uiva desesperadamente por medo e é ouvida por Maria. Esta personagem, por sua vez, devido à sua credice, associa o uivo a mau agouro. Entretanto, não relaciona os seus temores ao sofrimento da velha. Parece que, nesse caso, o barulho feito pelo animal traduz o apelo inaudível da patroa que é reduzido a nada. Dessa maneira, a combinação de elementos, como o anoitecer, a chuva – com seus trovões irrompendo no céu – e a solidão da cachorra que uiva – externaliza a melancolia, trazendo ao mesmo tempo a confluência de diferentes sensações como o silêncio, a agitação, a incerteza e o pavor.

A protagonista do conto sempre teve uma vida vazia. Com a velhice, padecendo da deficiência dos olhos, um misto de sentimentos dá origem a um estado de verdadeiro abatimento. Assim, a história da melancolia de D. Quirina sempre foi uma constante e advém da frustração de seu casamento malsucedido e do luto por seu marido, fatos que recebem a presentificação por meio da memória.

#### MEMÓRIA, LUTO E MELANCOLIA

O indivíduo na velhice inclina-se com frequência a rememorar eventos do passado. De acordo com Ecléa Bosi, as lembranças são revisitadas pelo relevo que tiveram na trajetória do sujeito que as recorda:

Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, desloca estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (BOSI, 1987, p. 9).

Funcionando como um tipo de entretenimento existencial e social, o ato de recordar guarda o único prestígio que o velho ainda tem acesso. Contudo, Simone de Beauvoir alerta que essas recordações “[...] se esfacelam, são nebulosas, inconsistentes, e, sem dúvida, falseadas” (BEAUVOIR, 1970, p. 239). O velho passa a ser cativo de lembranças forçadas por ele mesmo. O regresso a elas é quase sempre com a intenção de encontrar algo que possa ajudá-lo em sua tristeza e aflições diárias. E, é por isso, nas afirmações de Robert Burton (1947), que o estado melancólico é inevitável na velhice. As perdas químicas decorrentes do processo de deterioração do corpo vão instaurando a melancolia naturalmente no seu humor.

Ecléa Bosi (1987) expõe a existência de uma intersecção entre memória e velhice. Nessa fase, o indivíduo costuma perscrutar a vida por meio de narrativas sobre si mesmo, recorrendo às memórias. No conto “Idade”, ao rememorar, D. Quirina chega na equação de que fracassou na vida que levou, uma vez que ambicionou um ideal de casamento não realizado. Há, portanto, uma atmosfera de tristeza que a envolve na solidão de suas lembranças e pensamentos, que vão tomando cores sombrias do abandono e da desolação. Ainda para Bosi, a narração de acontecimentos da vida é “também sofrer, porque na narrativa não há a ruptura entre sujeito e objeto” (BOSI, 1987, p. 13). No lugar daquele saudosismo do passado, surge a aflição por se deparar com a realidade. As mágoas que carregam consigo intensificam a sua melancolia. De acordo com Darian Leader em *La moda negra*: “No luto, choramos os mortos; na melancolia, morremos com eles” (LEADER, 1987, p. 15, tradução nossa)<sup>4</sup>. Nesse sentido, é como se a protagonista vivesse a sua própria morte, existindo apenas no ato de rememoração, visto que, como já disse Beauvoir, “a inércia é sinônimo de morte” (BEAUVOIR, 1970, p. 15). No conto, vale ressaltar que D. Quirina permanece inerte a maior parte do tempo. E, quando decide agir sozinha, depara-se com a sua limitação física, colocando a sua vida em risco.

Além disso, os olhos da personagem central, comparados a jabuticabas na juventude, estavam desbotados. A ausência de cor metaforiza a melancolia e a angústia do pesar dos dias. A quase cegueira é substituída pela memória: “Da janela vejo as coisas, meio irreais, sob a névoa de meus olhos. Penso e rememoro, que dessa graça, a de recordar, ainda não fui despojada. As lembranças afloram, em fragmentos, como pedaços de uma fita rompida, recomposta em desordem” (MACHADO, 1978, p. 24).

---

<sup>4</sup> Darian Leader (1987, p.15): “*En el duelo, lloramos a los muertos; en la melancolía, morimos con ellos*”.

Outrossim, o olhar embaçado remete a uma idealização do passado. Ela forja lembranças que nunca teve. O leitor se dá conta das contradições das histórias da velha senhora a partir do que é revelado pelo narrador em terceira pessoa. Sua consciência reveza entre momentos de lucidez, de delírio e de memória. Nos instantes de razão, confia a perda gradativa do seu poder sobre o corpo, pessoas e coisas. Contudo, revela que o seu fim será quando perder a capacidade de recordar e de narrar.

A atmosfera sombria da casa contrasta com a figura solar do quintal, que significa, para D. Quirina, espaço onde a vida acontecia. As poucas experiências prazerosas se encontram no passado e estão relacionadas à posse e ao luxo que tinha a propriedade, tais como o produtivo quintal e a imagem requintada da antiga casa. Entretanto, por ter tido uma vida voltada para o matrimônio, é interessante o fato de ela não comentar sobre nenhum episódio de alegria em família. O conto não permite saber o porquê da escolha equivocada de felicidade. Talvez, o fato de ela ter levado uma vida restrita e isolada nos domínios da casa tenha contribuído para que tivesse se acostumado a dar valor afetivo aos bens que possuía.

Centrada no indivíduo, apartada das relações sociais, a melancolia se expressa por meio da solidão da protagonista: “Aproveitam enquanto estou sozinha. Também roubam minhas frutas. Bolinha é mansa, não sabe espantá-los. Maria não se importa. E quem irá se importar? Para quê?” (MACHADO, 1978, p. 25). A melancolia neste fragmento provém da negação da autoridade e até mesmo da própria existência de D. Quirina. O leitor tem conhecimento disso em trechos revezados pela voz em terceira pessoa: “A velha recomeça o gemido quase imperceptível. Mais um pedaço da fita em fragmentos, a rememória, seu *penoso caminhar*” (MACHADO, 1978, p. 27, grifo nosso); e também pelas confidências em primeira pessoa: “Ele voltou, *um espinho ficou fincado no meu coração*, para o resto da vida. E o filho não lhe dei. Deus não quis. Ele morreu cedo, levou para a terra o seu desgosto. E eu fiquei sozinha, carregando o peso de longo, desse interminável caminhar” (MACHADO, 1978, p. 28, grifo nosso).

Esse entrelaçamento de vozes dá ao conto uma perspectiva ampla e dinâmica para se conhecer a trajetória infeliz da protagonista. O “*penoso caminhar*” é uma metáfora por toda uma existência de mágoa. O adultério sofrido, quando ainda era jovem, nunca foi esquecido ou perdoado. Por ter sido tolerado, resultou numa amargura que passa a ser referida sob a metáfora de um espinho na carne. Esse dissabor trouxe como consequência um caráter melancólico. Com a exposição das palavras de Proust, Moacyr Scliar comenta a relação entre memória e melancolia: “[...] Como diz Proust, que fez da memória um ponto de partida para sua obra: não há memória sem melancolia, não há melancolia sem memória” (SCLiar, 2003, p. 83). De

forma análoga, a protagonista do conto “Idade” estabelece uma estreita aproximação entre as suas recordações e a melancolia.

Nesse espaço feito de silêncios e de sombras, é como se a protagonista vivesse o presente, quando rememora o passado. Norberto Bobbio (1997) afirma que “o mundo dos velhos, de todos os velhos, é, mais ou menos intenso, o mundo da memória. [...] somos aquilo que lembramos. [...] A dimensão na qual o velho vive é o passado” (BOBBIO, 1997, p. 30). No texto de Marietta Telles Machado, as fronteiras entre realidade e memória são tênues e, no momento de aflição, D. Quirina evoca a lembrança dos mortos. Esse chamamento demonstra como o seu mundo atual era frágil em matéria de relações afetivas reais.

Viver o presente é lidar constantemente com o sentimento de enlutada, com o qual a protagonista não deseja romper. Darian Leader (1987) esclarece que somente se vence o luto por uma decisão individual. Em outras palavras, é como o indivíduo irá processar a sua dor. Freud explica que isso não é uma tarefa fácil, uma vez que há “[...] a perda da capacidade de escolher um novo objeto de amor – em substituição ao pranteado – e o afastamento de toda e qualquer atividade que não tiver relação com a memória do morto” (FREUD, 1974, p. 3). No conto de Marietta Telles Machado, a personagem central experimenta duas espécies de luto. Na primeira ocasião, trata-se do momento em que o marido sai de casa por outra mulher. A ausência do esposo no lar se mostra como um tipo de morte figurada. E quanto à segunda, diz respeito ao momento quando este morre. Leader esclarece que o luto converte o entorno do sujeito num espaço carente de sentido. “O fato [do objeto pranteado] não estar mais perto faz com que a nossa realidade cotidiana pareça agudamente vazia. O mundo ao nosso redor parece abrigar um lugar vazio, um oco. Perde o seu encanto” (LEADER, 1987, p. 31, tradução nossa)<sup>5</sup>.

A esterilidade também tornou D. Quirina uma mulher ressentida. “Sim. O filho que não lhe dei, uma sombra entre nós. Foi por esse desgosto que ele se cansou de mim? Ou talvez não me tenha amado como eu o amei. Foi um calvário quando ele arranhou a outra, a forasteira” (MACHADO, 1978, p. 27). Nota-se a exigência de que a mulher seja mãe, como se a maternidade fosse um papel que o feminino devesse desempenhar a qualquer custo.

No caso do Brasil, há uma sociedade que é marcada por uma cultura fundada no patriarcalismo. A partir de teóricos como Bourdieu (2012), compreende-se o patriarcado como um sistema social no qual as relações de

---

<sup>5</sup> Darian Leader (1987, p. 31): “*El hecho de que no esté ahí hace que nuestra realidad cotidiana parezca agudamente vacía. El mundo a nuestro alrededor parece albergar un lugar vacío, un hueco. Pierde su magia*”.

poder e de dominação são exercidas pelo grupo hegemônico constituído por homens brancos que subjugam e objetificam os grupos que estão fora do padrão, como é o caso das mulheres.

Perceber a mulher como objeto, atribuindo-lhe a função essencialista de procriação e de cuidado da casa e da família tem como justificativa uma alegada inferioridade pautada por razões biológicas e tradições culturais que disciplinam o seu corpo. Desse modo, Bourdieu (2012) aponta a dominação masculina sob um viés de violência simbólica, infiltrada no pensamento social e no modo de ver o mundo como algo naturalizado. Desse modo, esses valores em que se assentam a superioridade do homem são pensamentos construídos historicamente.

Tradicionalmente, a infertilidade no casamento era atribuída à mulher, e não ao marido. No caso do conto “Idade”, ainda há um discurso da protagonista que revela a resignação proveniente dos desígnios divinos. Como D. Quirina não cumpriu a função convencional da maternidade, percebe-se certa carga de não aceitação de si mesma, por não corresponder àquilo que seria a “vocação feminina” esperada por uma sociedade machista. Esse caso permite refletir sobre a imposição do que é “ser mulher”. Se a maternidade se trata da realização do papel feminino, a infertilidade acarreta toda uma carga negativa para aquela que não foi capaz de atender ao ideal da figura materna. Contudo, Beauvoir desmistifica esse estereótipo essencialista quando afirma que a mulher é um ser de construção social.

A respeito disso, Mary Del Priore (1997) pontua que o útero (denominado de madre) era valorizado no Brasil Colônia e, “ao contrariar sua função reprodutiva, a madre lançava a mulher numa cadeia de enfermidades, que iam da melancolia e da loucura até a ninfomania” (DEL PRIORE, 1997, p. 83). Vale salientar que, segundo a estudiosa, essas doenç as, dentre as quais se destaca a melancolia, eram relacionadas à presenç a do dem nio.

Nessa perspectiva, o conto de Marietta Telles Machado recupera essa mentalidade colonialista persistente ainda hoje na realidade sociocultural brasileira como forma de abordar de maneira crítica a condição feminina, que padece com estigmas e exclusões. Se pensar no que disse El dia Xavier (2007) sobre o corpo disciplinado, pode-se afirmar que D. Quirina se comporta como um corpo que não contesta os métodos disciplinares. A melancolia está ainda no aparecimento de pensamentos pessimistas e reducionistas de si mesmo.

A velhice destacada no conto representa uma fonte de amargura e não de sabedoria. A chuva possibilita o choque com a realidade e reforça a debilidade e o tom melancólico da protagonista. Desperta nela a consciência de sua fragilidade. Assim, o texto denuncia o estereótipo do velho como inc modo, alinhado a uma tendência da atualidade que opta pelo banimento e abandono das pessoas improdutivas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conto “Idade”, de Marietta Telles Machado, apresenta a condição melancólica da velhice feminina por meio de uma narrativa fluida, densa e poética. No tecido ficcional, por meio de uma perspicaz alternância de vozes, os narradores heterodiegético e homodiegético fundem-se num único corpo para contar a história de D. Quirina, uma mulher velha e cega, cuja existência está atrelada à casa em ruínas e ao ato de rememorar episódios do passado.

A própria realidade social articula velhice, melancolia e memória. A imagem da velha senhora construída na narrativa coloca em discussão o triste destino da mulher educada para cumprir os propósitos do patriarcado. Sempre reclusa e dona de uma visão idealizada sobre o casamento, D. Quirina vê esfacelar o seu “reino” devido à ação do tempo e da traição do cônjuge.

Como teve uma vida restrita, a protagonista se apega à condição de enlutada. A maneira como ela lida e organiza as lembranças pessoais demonstra que não quer se desfazer do sofrimento das ausências. A melancolia em sua vida inicia-se com a descoberta da infidelidade conjugal vindo, em seguida, a concorrer com o luto do marido e o progressivo declínio de seu pequeno mundo. O conto se alinha à discussão capitalista que enxerga a mulher envelhecida como um estorvo, principalmente quando esta não cumpre com a sua função social de procriar e gerar descendentes.

Com engenhosa criatividade, a autora constrói uma interdependência entre a casa e a velha senhora, imprimindo a mesma situação de decadência entre ambas. Diferentemente da inércia física que domina o corpo débil, a consciência da protagonista é ágil e realiza inúmeros trânsitos entre passado e presente. O escapismo que faz em relação ao passado é consequência de sua melancolia por algo que não existe mais, o que indica a sua impotência diante da ação do tempo, do desejo e do egoísmo das pessoas. Na maior parte, as memórias são desencadeadas pelo toque no mobiliário desgastado da antiga casa e pelos sons e cheiros vindos do frutífero quintal.

Assim, a construção da identidade da personagem central é perpassada pela memória da casa. Segundo Tomaz Tadeu da Silva (2000), a memória e a identidade são, na verdade, construções da linguagem com a instabilidade que lhe é própria. Isso é o que se nota na narrativização do sujeito D. Quirina, na qual memória e identidade aparecem indissociáveis. Em síntese, “Idade” oportuniza a reflexão sobre os caminhos encontrados pela velha senhora para amenizar a rejeição e a solidão, uma vez que a sua história e o seu apego estão relacionados ao lugar e aos objetos que constituem afetivamente o espaço onde vive. Ao final do conto, o leitor pode

incursionar várias leituras e, particularmente, constatar as relações entre a dependência social, a melancolia na velhice e a questão de gênero, três formas de estigma com as quais a mulher se confronta ainda na contemporaneidade.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTMAN, Miriam. O envelhecimento à luz da psicanálise. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, vol. 44, n. 80, p.193-206, jun. 2011. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-58352011000100016](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352011000100016). Acesso em: 02 de maio de 2023.

ARISTÓTELES. Problema XXX. In: ARISTÓTELES. *El hombre del genio y la melancolía*. Tradução Cristina Serna. Barcelona: Acantilado, 2007. p. 77-103.

BEAUVOIR, Simone de. *A velhice: a realidade incômoda*. Tradução Heloisa de Lima Dantas. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BOBBIO, Norberto. *O tempo de memória: de senectude e outros escritos autobiográficos*. Tradução Daniela Versiani. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 2. ed. São Paulo: T.A. Queiroz Editor/Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

BOSI, Ecléa. *Tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução Maria Helena Kuhner. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BURTON, Robert. *Anatomía de la melancolia*. Buenos Aires: Cía. Gral. Fabril Financiera, S.A, 1947.

DEL PRIORE, Mary. Magia e medicina na Colônia: o corpo feminino. In.: DEL PRIORE, Mary. (Orgs.). *História das Mulheres no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997, p. 78-114.

FREUD, Sigmund. *Luto e Melancolia*. Edição Standard Brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

MACHADO, Marietta Telles. Idade. In.: MACHADO, Marietta Telles. *Narrativas do cotidiano: contos*. Goiânia: Oriente, 1978.

MACHADO, Marietta Telles. *Seleção*. Organização de Vera Maria Tietzmann Silva e Antônio Carlos Machado Teles. Goiânia: Editora da UFG, 2001.

MASCARO, Sônia de Amorim. *O que é velhice?* São Paulo: Editora Brasiliense, 1997.

MUSSI, Luciana Helena; CÔRTE, Beltrina. O significado 'afetivo' daquilo que chamamos 'casa': uma reflexão através do cinema. *Caderno Temático Kairós Gerontologia*, São Paulo, 8, p. 231-242, novembro 2010. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/8698/6454>. Acesso em 02 de maio de 2023.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomás Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 72-103.

SCLIAR, Moacyr. *Saturno nos trópicos: a melancolia europeia chega ao Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

STAROBINSKI, Jean. *A tinta da melancolia: uma história cultural da tristeza*. Tradução Rosa Freire d'Águilar. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

XAVIER, Elódia. *Que corpo é esse? o corpo no imaginário feminino*. Florianópolis: Mulheres, 2007.

Data de recebimento: 17 jun. 2023.

Data da aprovação: 24 jul. 2023.